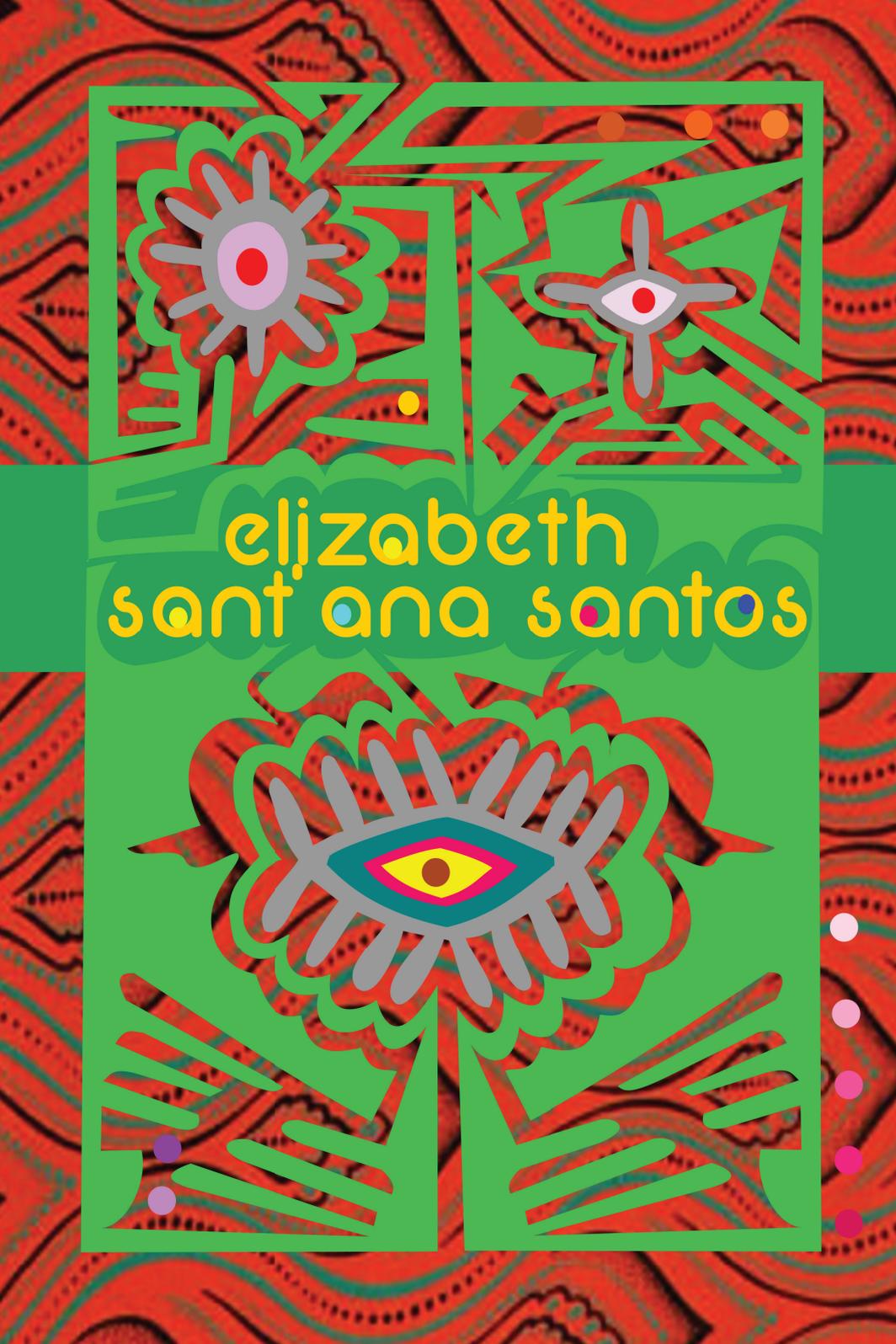


*Acabavam-se na prostituição.*

*Mulheres essas, que também têm sentimento  
Como qualquer outra,  
Que carregam seu lamento  
Porém, sem opção,  
Não vivem no mesmo padrão.*

*São mulheres mães, mulheres filhas,  
Mulheres negras, discriminadas por todos  
Até mesmo por sua própria família  
Rainhas sem nobreza com súditos infiéis  
Mulheres guerreiras em seus destinos cruéis.*



elizabeth  
sant'ana santos



Me chamo Elizabeth Sant'Ana Santos, nascida e criada em bairros periféricos de Vitória. O meu primeiro contato que tive com o mundo artístico foi por meio da música pois sempre gostei muito de cantar. Após um tempo, conheci o movimento Hip Hop e fui me inserindo aos poucos nesse meio e devido a isso me voltei à escrita de poesias. Estou cursando o 1º período do curso de Filosofia na UFES. Sou, portanto, mulher preta, poeta, Mc, cantora e estudante de Filosofia na UFES. Encontrei na poesia o meio de falar tudo aquilo que por muito tempo me proibiram de dizer.

## Para Valentina

Valentina.

Ainda nem nasceu e será  
a pequena, que de cara  
levantou o dilema de seu pai:  
“E aí, já comprou a arma?”  
Porque Valentina  
tem que ser protegida  
com arma de fogo  
e não pode ter fogo!  
Tem que se dar ao respeito,  
pra mulher é desse jeito.

Valentina.

Filha de mãe branca  
e de pai preto,  
que não interessa  
se nascerá com saúde  
a preocupação:  
“Será que o cabelo vai ser crespo?”

Valentina,  
que ainda nem nasceu  
já tem seu futuro programado.  
O que vai comer,  
vestir,  
ouvir  
e crer.

Valentina,  
que ainda vai nascer  
poderia ser Pedro.  
Teria vida menos ditada,  
nisso se crê.

Valentia é vir menina  
num mundo homem  
que prima o recato  
no lar  
que desde a fase escolar  
à secular  
se comporte com porte  
de uma verdadeira mulher,  
ainda sendo menina.

Vá! Lente de aumento  
ofereço para ver  
a maldade com que  
o mundo a tratará  
por ser feminina.

Que se vista valentia  
e se arme valente  
a que virá Valentina que  
está já violada  
antes mesmo de vir.

## Vitrine

Fui concebida como vitrine  
que adaptada é  
de acordo com as circunstâncias.  
Numa esfera macro esmagadora,  
me sentindo mini.

Estampam-se em mim:  
seios grandes,  
corpo magro,  
traços finos,  
cabelo crespo e  
altura padrão.  
Na pala dos tons:  
vezes preta, vezes morena  
(só depende de quem  
tenta minimizar o preconceito).

Eu sou um corpo  
que encorpa  
tudo que em mim sou  
e me tornam.

Fui feita objeto  
para cuidar  
do lar  
do criar  
e principalmente  
do dar.

Ah, do dar!  
Eu tenho que dar tudo,  
e se eu não der!?  
“Dar é mínimo”  
que eu tenho que saber,  
disseram.  
E se eu não der!?  
Me tomam.

E eu tomando  
pancada da vida.  
E não entendem quando uso  
Po e sia pra aliviar.

E agora me taxam  
de viciada.  
É que eu vivo  
à base de poesia.



Sou Maria,  
Allainy Maria.  
Tenho 17 anos  
e amo escrever,  
minha paixão  
pela escrita co-  
meçou com uns  
8 ou 9 anos,  
escrevia minhas  
histórias e es-  
condia, perdia  
ou esquecia.

Sempre tive  
incentivo da  
minha mãe,  
mas nem ela  
lia todos meus

textos rsrs, esse ano fiz um curso maravilho-  
so de literatura chamado “Elisas”, em home-  
nagem a Elisa Lucinda. Fiquei sabendo desse  
curso para mulheres através do meu profes-  
sor de sociologia Jefferson. Ele fez eu me ins-  
crever e sou grata a ele até hoje por isso. Lá  
no curso aprendi a compartilhar meus tex-  
tos, a escrever melhor e me libertar. Quando  
acabei o curso tive mais incentivos, da minha  
professora de português Silvana, do meu tio  
Robson Barros Torres, da minha preta que é  
minha inspiração e muito mais.

Hoje estou aqui, muito feliz por ter sido  
escolhida pelo coletivo e espero ir muito além  
com minhas palavras que chamo de asas de  
borboleta.



allainy maria  
de jesus silva



## Grito

Os títulos da sociedade  
São coisas  
Que me irritam  
De verdade

Se você é negro ou branco  
Pardo ou albino, gordo  
Ou magro, hétero ou homo  
Sempre vão falar  
Usando aquela desculpa  
Não sou preconceituoso, só sou franco

Eles sofismam  
Brigam e batem o pé  
Onde já se viu  
Mulher com mulher

Intimidam, batem e xingam  
Você apanhou porque mereceu  
Saindo deste jeito à noite  
Pedi e recebeu

Na sociedade a culpa  
De tudo é da mulher  
Apanhou porque mereceu  
Foi estuprada porque se insinuou  
E se não denunciou antes

É porque gostou

Mas chega de Silêncio

Agora vou gritar

Por todos os oprimidos

Eu vou protestar

Que a submissão não me cale

O NÃO é o início

Me oprimir não vale a pena

A paz interior de ser quem eu quiser ser

Sem me preocupar com o outro

É o caminho para a felicidade plena

## Me desmonte

Não importa como faça  
Só me desmonte  
Desarme-me, e retire minhas forças  
Explore meu interior  
E descubra meu pavor

Me desmonte  
Mexe em peça por peça  
Como um quebra cabeça  
Me vire do avesso  
Se não enlouqueço

Me desencasule  
Tire camada por camada  
Brinque com meu eu  
Ouça as súplicas  
De uma borboleta que  
Se esqueceu

Se esqueceu como voar  
Por ser comprimida  
Por toda sua intensidade.



Meu nome  
é Marcela  
e apenas  
Marcela.  
Sou em  
instituição,  
coletivo.

*Sem reticências. Marcela!*

*Pois quando me xingam na rua, desdenham da minha capacidade intelectual, abusam do meu corpo, eu não sou Marcela. Quando me chamam no masculino, questionam minha corporeidade, riem da minha postura, eu não sou Marcela. Sou sequer um ser humano digno de respeito e afeto. Eu sou a vergonha dos meus pais, como a sociedade diria, o escarro social. Piroco, viado, traveco. Marcelo talvez. Nunca Marcela. Então, erguer a cabeça, estufar o peito e afirmar que sou Marcela JAMAIS pode ser visto como algo ífero, desmerecido. Meu nome carrega não só minha identidade, como toda a minha construção enquanto dona de mim. Afinal, meu nome é Marcela, não é bagunça!*





## Use a palavra travesti

A sociedade cisonormativa está acostumada a temer o vocábulo travesti, bem como a escrita e principalmente a fala. O medo de soar agressivo ou pejorativo ao chamar alguém desta forma tem relação com a banalização das subjetividades das travestilidades, do estigma da prostituição e das infinidades de promiscuidades e perversidades vinculadas às travestis.

De modo a transformar a travestilidade cotidiana, comecei a chamar amigas e amigos próximas(os) de travestis. Gritar por essas pessoas, na rua, assim. Pode parecer banal, mas consegui reparar a dificuldade que muitas(os) tinham de utilizar a palavra fora de um ambiente acadêmico e político, pois não existia uma familiaridade com o tema para além da abjeção.

O fato de ouvirmos “travesti” apenas nos espaços de produções teóricas e ativistas faz com que deixemos de enxergar a população de travestis fora da bolha da militância, fora do compilado sofrimentosuicídiohomicídio. É como se nós não tivéssemos especificidades, características próprias e individualidades; como se fôssemos marionetes a servir a he-

gemonia cisgênera em seus trabalhos acadêmicos.

Por isso, minha reivindicação gira em torno de enaltecer travestilidades. Transformar a palavra em elogio. Peço que utilizem, então, mesmo que pareça bobo, a palavra travesti no dia a dia de vocês. Utilizem de maneira positiva, direcionada a alguém que se tem carinho, na mesa do bar. E transmitam a mensagem que, por mais que não estejamos com vocês, nós somos presentes.





## Posfácio

### NÓS, POR NÓS....

Quando eu fui chamada pra fazer esse posfácio, a primeira coisa que senti foi a imensidão de orgulho em poder de alguma forma participar dessa coletânea tão maravilhosa, forte e representativa em uma sociedade que ainda enxerga os nossos corpos pretos como carne barata. Uma sociedade onde os índices de mortalidade de mulheres negras é absurdamente ignorado pelo todo. Assim, observar o grito em forma de arte nas linhas dessa coletânea é, sobretudo, perceber que não estou sozinha – e que não estou sozinha, nem na dor e nem no amor.

Essa coletânea é um berro de RExistência na terra onde o velho racismo se manifesta em novas práticas e onde as marcas das dores por ele causadas implicam na nossa constituição individual e coletiva. Sem sabermos de onde viemos, quem somos (...) sem ao menos identificar-nos como tal. Dor, do começo ao fim – se não mudarmos o fim.

A auto identificação como indivíduo negro é algo que transcende o corpo. Muito raramente vejo um processo de redescoberta estética sem que ela atinja o espiritual. E aqui eu não falo de religioso, falo do espiritual, da parte que conceitua a vida, que toca o espírito, que define muitas coisas, inclusive as linhas dessa coletânea, onde nítida e escurecidamente vemos a alma das bravas colaboradoras que aqui dançam em ciranda de letras, ora doces, ora fortes, ora raivosas, ora esperançosas. Bem assim, várias possibilidades das várias facetas de nós, mulheres negras e todas as suas diversidades.

E ser mulher negra é tanta coisa...

Eu queria que aqui eu pudesse falar da parte romantizada do ser mulher negra, mas a nós, nem a opção *gourmet* foi disponibilizada. Se não formos sargentalizadas em

nossas “morenices”, somos massacradas em nossas pretitudes. Não temos opção. Mesmo e com toda a variação da nossa melanina, não importa – clara ou escura, mulher preta é mulher preta. E ponto.

Ver os coletivos de mulheres negras interligados em arte nessa coletânea que eu, como Presidenta do Instituto Das Pretas.Org, apoio e como Priscila Gama de Oliveira, subescrevo a minha indescritível admiração é, sobretudo, algo de um significado magnífico.

Somos aqui todas, Mulheres Negras em Artes. Não apenas em servidão.

Mulheres negras em artes. Em expressão de uma liberdade que, muito embora lutemos por ela, sabemos que, não nos é dada facilmente.

Em estudo de território observo nitidamente a pirâmide social em que nós, mulheres negras, somos cruelmente colocadas no último degrau. Observo também a dificuldade em fazer-se fortaleza na cruzada por perspectivas de vida que nos são negadas – não permitidas por essa sociedade desigual e injusta. Mas nesse mesmo estudo, observo a sagacidade na criação dessas novas perspectivas, a garra em percorrer esses caminhos negados e a coragem em ser visível, porque é ainda a invisibilidade o meu maior medo, não da fama ou de qualquer coisa do tipo, mas da inexistência, da desimportância, da desumanidade.

Ser mulher preta é ser questionada em todas as possibilidades de conjugação verbal. Ser questionada da sua existência, passando pelas poucas escolhas que lhe são concedidas à subsistência que lhe é imposta. Mas ser mulher preta não precisa ser um fracasso. Não precisa ser uma história exclusiva de dor. E as linhas desta coletânea me fizeram sentir a tenra esperança de que podemos ser e estar, de fato e de direito, onde quisermos, inclusive na forma de livro, em todas as bibliotecas, nas mãos de todos os leitores, semeando aquele amor preto que nós, mulheres negras, somos mestres em semear.

Ao passear por essas linhas, em histórias de tantas mulheres, me senti ali, em cada ponto, em cada verso, representada. E o significado disso pra mim é, sem dúvida, a grata sensação de me ver refletida. Mas também é absorver mais uma vez a crueldade do Racismo, que em todas as formas vem limando os nossos espaços e nos obriga a fortalecer-nos em grupo, em coletâneas maravilhosas como esta, pra que possamos ter voz e vez.

São muitos os porquês disso acontecer. Mas o mais importante é que esses meus porquês são também os nossos e que em espaços como este vão sendo resolvidos, de alguma forma, por nós mesmas, em protagonismo, não só dessas linhas, mas de nossas vidas.

Essas vidas pretas, muito embora não tenham o valor que merecem pelo todo, tem valor para nós. E difundir as nossas questões é também dar eco ao grito da nossa existência e das nossas imensas e diversas possibilidades, é dizer o que tem que ser dito, mesmo que toque a ferida ainda aberta. Que toque essa ferida! Principalmente a dos privilégios, a dos preconceitos, a das violências que nos tem como alvo. Que toquem a ferida, que a deixe exposta.

O livro “De Zacimbas a Suelys”: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo é um mergulho de ressignificações. Um reencontro com a história de nós mesmas, porque sim, muito embora sejamos muitas e diferentes, as histórias das mulheres negras se repetem. Histórias de violência, histórias das angústias, histórias de solidão, mas que se perfazem em fortalecimento e em também em válvula impulsionadora para grandes saltos em novas caminhadas como essa.

Orgulhosas e conscientes seguimos fortalecendo-nos em nossos saberes e isso é algo de uma força sem igual. É fazer por nós o nós por nós sem corte, sem medo, apenas resolvendo-nos em nossas necessidades e criando espaços que a sociedade não se preocupa e não se interessa em abrir, abrir mão de seus privilégios e, criar.

Criamos esses espaços e, nos preparamos em ocupá-los em sua plenitude, com a competência dos nossos infinitos saberes. Isso é lançar-se ao mar ciente das braçadas que teremos que dar, sem temor nenhum.

E continuemos assim. Nenhum passo para trás...

*Priscila Gama*

Espírito Santo, junho de 2017



*Priscila Gama* (nasceu em Vila Velha/ES. É fundadora do blog *Ziriguidum Vitória* e presidenta do INSTITUTO DAS PRETAS.ORG, primeira organização de Economia Mista Criativa do País. É uma das jovens influenciadoras negras com maior reconhecimento do Estado do Espírito Santo).







O Afro-Tons é um coletivo de expressividade artística, que tem como pano de fundo a divulgação e socialização da literatura, porém, outras expressões artísticas como a música, dança, artes plásticas, cinema, fotografia, entre outras, figuram nesse contexto. O grupo tem o objetivo de compartilhar saberes sobre as culturas africanas e afro-brasileiras, através da divulgação de artistas consagrados, bem como trabalhos independentes. Também promovemos o debate sobre questões políticas e sociais que perpassam pelo universo afrocentrado, com o intuito de desconstruir estereótipos depreciativos e estigmatizantes, e ressignificar valores e identidades.

*Muito axé!*

## MEMBROS DO COLETIVO AFRO-TONS



CIBELE VERRANGIA

*Cibele Verrangia* (Mulher, negra, periférica, de Iansã. É doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, integrante da Afronta – Cia de Expressões Artísticas de Mulheres Negras e membra fundadora do Coletivo Afro-Tons).



MAIKEL DIAS

DANNY BORGES



*Danny Borges* (Mulher, preta, gorda e periférica. É produtora cultural, uma das organizadoras da festa Bekoo Das Pretas, pesquisadora, aspirante a costureira, cinéfila, integrante da Afronta – Cia de Expressões Artísticas de Mulheres Negras. Diretora do Instituto Das Pretas.org e do setor de comunicação e artes do Coletivo Afro-Tons. Irmã de Arthur).



*Maikel Dias* (É educador social, tradutor e intérprete de Libras, músico. Militante da diversidade e da liberdade. Membro fundador do Coletivo Afro-Tons)

**Organização:**



**Apoio:**



**Funcultura**  
2016

GOVERNO DO ESTADO  
DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria da Cultura



Impresso Lá em Casa, São Paulo, em  
papel couchê fosco 115g/m<sup>2</sup>